

ANÁLISE

O DIREITO À ÁGUA E AO SANEAMENTO - SUBSTANCIAL E PARA ONTEM...

A relação entre água, saneamento e higiene com saúde, qualidade de vida e perspectivas de uma vida futura melhor e digna é conhecida desde há muito. Porém, muitas vezes olhamos para esta realidade sem lhe dar a devida dimensão e sem nos concentrarmos em analisar o "grande quadro". Cada pessoa tem o direito a água na quantidade suficiente, de qualidade, acessível e a um custo razoável. As recomendações para Angola estão alinhadas com as da Organização Mundial de Saúde e consideraram, em termos médios, por cada pessoa 90 litros/dia, 50 litros/dia ou 30 litros/dia, consoante a tipologia das respectivas habitações. No mínimo são 30 litros por pessoa! Quanto ao saneamento, este abrange, entre outros, a recolha, o armazenamento, tratamento e reutilização de excrementos humanos, a drenagem e eliminação de águas residuais domésticas, o tratamento e rejeição dos esgotos, assim como a recolha e gestão de resíduos industriais e perigosos (incluindo hospitalares, químicos e outras substâncias perigosas). Ora, em Angola, infelizmente, tanto a água como o saneamento, estão longe de abranger a maioria da população. Seguem alguns dos efeitos que a negação deste direito provoca aos cidadãos.

Neste tipo de análise, vale a pena procurar dar um rosto e uma história de vida indo até à realidade das pessoas. Por exemplo, a Dona Mariza. Esta senhora de 31 anos, que só fez a 3ª classe, vive sozinha com os três filhos menores, e mora num bairro num dos municípios periféricos da cidade de Luanda. Reside na mesma casa há dez anos.

Trabalha como empregada de limpeza numa grande superfície comercial, saindo muito cedo para começar a trabalhar às 8:00, e chegando a casa já depois das 19:00.

A casa onde mora não tem água canalizada. Até 2011 abastecia-se num fontanário a 1 km de casa (que era servido pela rede pública). No entanto, e por razões que desconhece, o fontanário deixou de funcionar, e agora tem de comprar água numa vizinha (que a revende a

60 KZ o bidão de 20 litros, preço que aumenta para 100 KZ, quando a água escasseia).

Como o salário é reduzido, e tem 3 crianças, ainda não conseguiu comprar um depósito para ter água de reserva em casa, estando sempre dependente da vizinha ter ou não água.

A vizinha é servida por camiões-cisterna que costumam abastecê-la duas a três vezes por mês. Em tempos havia umas senhoras que costumavam e davam um produto para desinfetar a água, ensinando como aplicá-lo. Como a casa tem um pequeno quintal, foi feita uma pequena latrina há cinco anos atrás, mas como a construção era rudimentar, começou a deitar fora, alagando o quintal com detritos, maus cheiros, trazendo moscas e mosquitos.

A Dona Mariza ainda chamou um mestre, que improvisou uma solução, colocando um



tubo virado para a rua – ou seja, um esgoto doméstico exposto e a correr na rua.

Já ouviu dizer que as pessoas deviam lavar as mãos depois de ir à casa-de-banho, ou antes de comer, mas a água é pouca, não pode dar-se a esse “luxo”.

Quanto ao lixo doméstico, tem um balde onde o coloca e, quando está cheio, deita-o fora junto a um muro a 500 metros de casa, directamente no chão.

De vez em quando passa uma máquina escavadora e um camião que carregam e levam o lixo. Quando vêm as chuvas, a estrada principal fica alagada, com buracos grandes que não deixam passar os carros e, nessas alturas, o lixo acumula-se tanto, até fazer uma montanha. Por causa disso e das águas paradas, aumentam os mosquitos e as doenças que transmitem.

**EM TERMOS MÉDIOS,
CADA PESSOA TEM
DIREITO A UM LIMITE
SUPERIOR DE**

90

**LITROS DE ÁGUA/DIA, A
UMA MÉDIA DE 50 LITROS
OU A UM MÍNIMO DE 30
LITROS, CONSOANTE A
TIPOLOGIA DA CASA QUE
HABITA.**

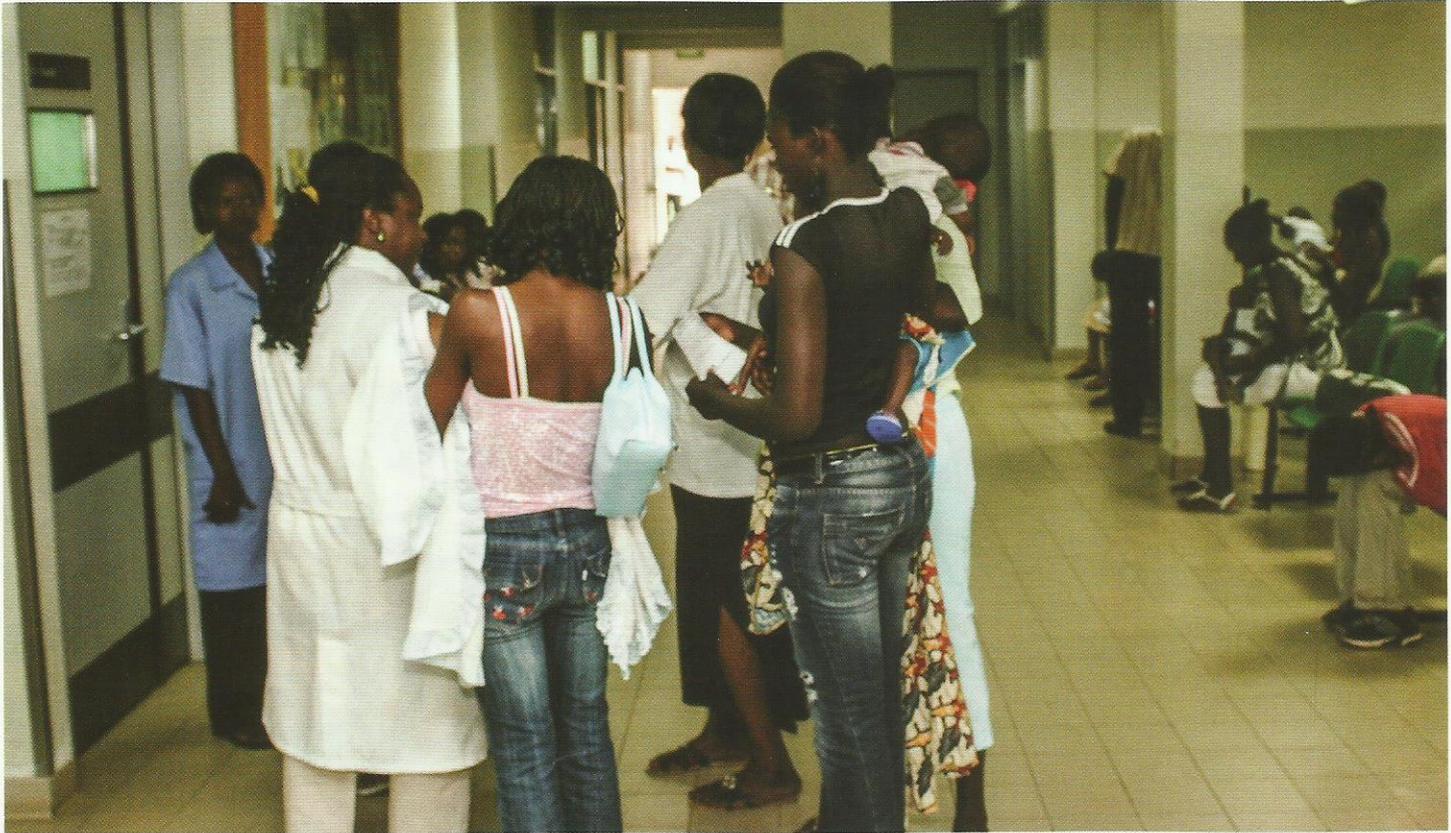
Os filhos estão todos na escola pública do bairro. Este ano lectivo o filho mais novo já ficou em casa por doença diarreica duas semanas, o do meio apanhou paludismo e faltou uma semana, enquanto o mais velho apanhou febre tifóide e não foi à escola durante duas semanas.

Por causa das doenças dos filhos, a Dona Mariza perdeu quase um mês de trabalho nos últimos seis meses e perdeu uma parte dos seus já precários rendimentos.

Infelizmente, esta história está longe de ser uma ficção e, Luanda, pois são muitas as Donas Marizas que cabem nela.

CUSTOS E BENEFÍCIOS

Sob os auspícios da Organização Mundial de Saúde (OMS) foi realizado um importante estudo em 2004 (revisto



em 2012) onde se fez a “Avaliação dos Custos e Benefícios da Água e melhorias de saneamento a nível global”. Na avaliação dos benefícios económicos é importante referir que mais do que saber quem pagou o quê, se procurou avaliar o dispêndio global de recursos e o seu valor. É igualmente importante referir que morrem mais crianças por ano de doenças diarreicas (uma condição evitável directamente ligada à exposição fecal), do que de HIV/SIDA, malária e sarampo combinados.

Deste modo, entre os beneficiários económicos directos da redução de doenças diarreicas está o sector da saúde (com menos despesas nos tratamentos de doenças diarreicas); os pacientes (com menos despesas nos tratamentos de doenças diarreicas e menos custos relacionados, menos despesas de transporte na procura de tratamento, menos tempo perdido na busca dos

MORREM MAIS CRIANÇAS POR ANO DE DOENÇAS DIARREICAS (UMA CONDIÇÃO EVITÁVEL DIRECTAMENTE LIGADA À EXPOSIÇÃO FECAL), DO QUE DE HIV/SIDA, MALÁRIA E SARAMPO COMBINADOS.

tratamentos adequados); a economia em geral (menos despesas com tratamento de pessoas com doenças diarreicas).

Cabem nos beneficiários económicos indirectos a diminuição de indivíduos doentes (menos dias de faltas ao trabalho ou à escola, e menor taxa de mortalidade) e menor impacto negativo na economia em geral (menos quebras de produtividade dos trabalhadores por questões de doença).

Ao nível dos benefícios gerais da melhoria das condições de água e saneamento estão factores económicos de economia de tempo e recursos, abastecimento de água, tendencialmente mais eficaz e eficiente, aos serviços, à agricultura, à indústria e às actividades económicas em geral, bem como uma melhor relação custo/benefício da educação, por via de menos dias de faltas às aulas) ou um ambiente melhor, com menos cursos de água, lagoas, rios

contaminados por excrementos humanos ou industriais.

MUITOS MIL MILHÕES DESPERDIÇADOS NO CONTINENTE AFRICANO

Um estudo do Banco Mundial, realizado nas premissas do estudo da OMS, aponta que dezoito países africanos (Benim, Burkina Faso, República Centro Africana, Congo Brazaville, República do Congo, Ghana, Quênia, Libéria, Madagáscar, Mauritânia, Moçambique, Níger, Nigéria, Ruanda, Tanzânia, Tchade, Uganda, Zâmbia) estão a perder anualmente cerca de 5,5 mil milhões de dólares norte-americanos, devido à falta de saneamento.

Estes países representam 554 milhões de pessoas, que é mais da metade da população da África, e as perdas

TANTO NO PLANO SOCIAL COMO AO NÍVEL DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO, O SANEAMENTO CONSTITUI UM EXCELENTE INVESTIMENTO, PRODUZINDO UM RETORNO MÉDIO DE

5,50 dólares

POR CADA 1,00 DÓLAR INVESTIDO!

económicas anuais, devido à falta de saneamento, são equivalentes ao intervalo entre 1% e 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB) dos mesmos. Porém, o custo real pode ser muito maior, pois o estudo só analisou as perdas devido às mortes prematuras, os custos dos cuidados de saúde prestados, as perdas de produtividade e os tempos perdidos através da prática da defecação ao ar livre.

Contudo, outros impactos adversos e resultantes de um saneamento inadequado podem ser significativos, embora difíceis de estimar, mas incluem os custos de surtos epidémicos, as perdas no comércio e nas receitas do turismo, impacto dos dejectos nos recursos hídricos, assim como os efeitos da falta de saneamento no desenvolvimento da primeira infância. De salientar ainda

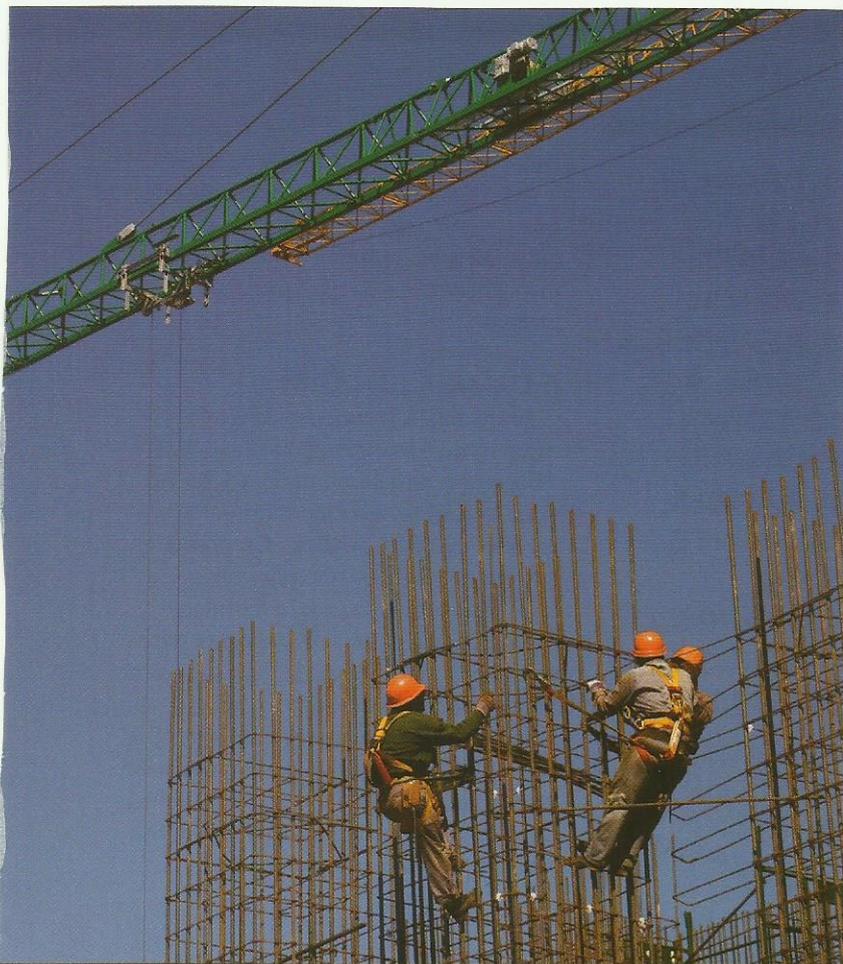
A IDEIA É SUA. O AÇO É NOSSO

Flexíveis, para se adaptarem a qualquer projecto, mas fortes resistentes como devem ser os varões de aço. Fabricados com a tecnologia TMT, os varões de aço da FABRIMETAL apresentam elevada resistência à tracção, uma melhor percentagem de alongamento, maior soldabilidade e maior ductilidade. Em climas quentes, o aço da FABRIMETAL demonstrou grande estabilidade térmica.

Em Angola, desde 2010, a FABRIMETAL fabrica varões de aço Fe500/A500 para as construtoras e para o mercado de retalho. Na FABRIMETAL temos a redução da poluição ambiental como uma das nossas prioridades.



FABRIMETAL
O SEU PARCEIRO NO AÇO





que as mulheres assumem uma grande proporção destes custos, já que passam mais tempo acompanhando crianças ou doentes ou parentes idosos.

Na maioria destes países, os investimentos em água e saneamento são inferiores a 0,1% do PIB, sendo que apenas cinco dos 18 países pesquisados investem entre 0,1% e 0,5% do PIB em água e saneamento.

Embora os países africanos se tenham comprometido a aumentar as suas dotações orçamentais para o saneamento em pelo menos 0,5% do PIB (Declaração de eThekwiní, 2008), nenhum dos 18 países pesquisados atingiu ainda essa meta.

No entanto, e lê-se no estudo da Organização Mundial de Saúde, tanto no plano social, como ao nível do desenvolvimento económico, o saneamento constitui um excelente investimento, produzindo um retorno médio de 5,50 dólares por cada 1,00

UM ESTUDO DO BANCO MUNDIAL REVELA QUE DEZOITO PAÍSES AFRICANOS, ESTANDO ENTRE ELES A REPÚBLICA CENTRO AFRICANA, A REPÚBLICA DO CONGO, O QUÊNIA, MOÇAMBIQUE, A NIGÉRIA E A ZÂMBIA, PERDEM ANUALMENTE CERCA DE 5,5 MIL MILHÕES DE DÓLARES NORTE-AMERICANOS EM RESULTADO DA FALTA DE SANEAMENTO.

dólar investido! É fácil fazer as contas e constatar que é dinheiro que se multiplica a uma taxa real de 5,5%, o que, nos dias que correm, não está nada mal. Por outro lado, aumenta o potencial do recurso mais importante de qualquer país – as pessoas!

E LUANDA EM 2018?

Neste ano, a Dona Mariza ainda mora numa casa sem água canalizada. Abastece-se num fontanário a 1 km de casa (que foi recuperado há dois anos, servido pela rede pública). Comprou, entretanto, um depósito para ter água de reserva em casa, e costuma colocar lixívia conforme prescrito, para desinfecção preventiva da água (que vem habitualmente cristalina).

Têm passado no bairro duas vezes por mês umas senhoras que perguntam se há problemas com a água e se tem havido casos de doenças diarreicas, febre tifóide, malária, outras doenças.



A antiga latrina do quintal foi fechada. Ao lado foi feita uma nova latrina, por um técnico do bairro devidamente habilitado, de acordo com prescrições técnicas transmitidas por técnicos do Governo Provincial. A nova latrina já funciona (muito bem) há três anos, e não existem cheiros, nem águas, a sair da mesma, estando o quintal seco.

O tubo de esgoto que havia sido improvisadamente colocado alguns anos antes, foi eliminado e a rua, à frente da casa tem agora um aspecto seco e limpo, tendo desaparecido os mosquitos e moscas.

A Dona Mariza e os seus filhos têm agora o hábito de lavar as mãos depois de ir à casa-de-banho, e antes de comer, pois têm água disponível.

Quanto ao lixo doméstico, tem um balde (com tampa, para evitar as moscas) onde costuma pôr o lixo (num saco de plástico). Quando tem lixo para deitar fora, só o faz ao final do dia,

depositando-o num contentor junto a um muro a 500 metros de casa.

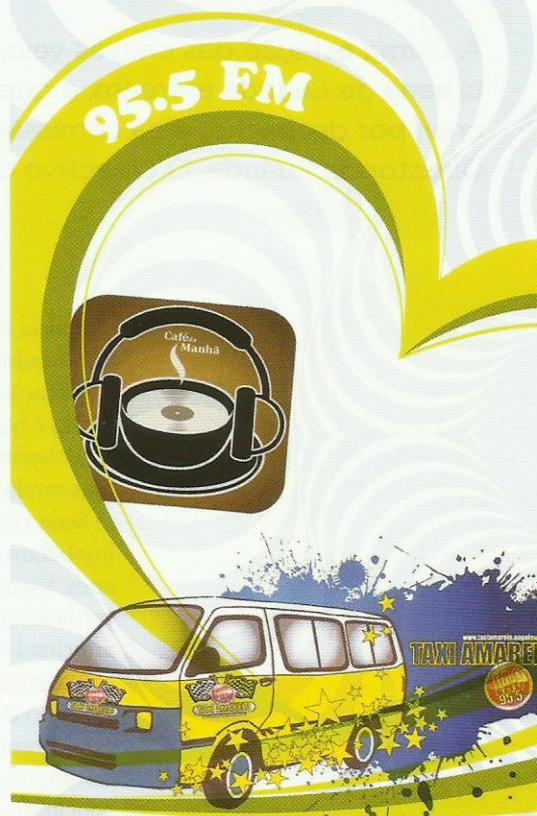
A recolha de lixo está normalizada e passa todos os dias um camião para recolhê-lo, mesmo na época das chuvas, pois as estradas foram reparadas e já não ficam intransitáveis nessa altura. Por essa razão diminuíram substancialmente os focos de mosquitos.

Os filhos estão todos na escola pública do bairro. Desde há três anos que não houve mais nenhum caso de paludismo, doença diarreica ou febre tifóide na família. Em consequência o aproveitamento escolar melhorou e todos os miúdos têm boas notas.

Como a Dona Mariza passou a ter uma presença mais assídua no local de trabalho, foi promovida e é agora chefe de uma equipa de limpeza.

Será este cenário uma ficção para Luanda? Ou é realizável e alcançável até 2018?... &

**Pelas causas sociais,
Pelo exercício da democracia,
Pelo jornalismo angolano,
A mesma rádio, o mesmo abraço**



Está tudo LAC